





AS FAÇANHAS DO CANGACEIRO ANTÔNIO SILVINO, "O RIFLE DE OURO" – II: A MORTE DE MARCOS DOS PINHÕES, O DESASTRE DE LAGOA DE PEDRAS E A INVASÃO DO ENGENHO FIGUEIRAS

JULIERME DO NASCIMENTO WANDERLEY

BORBOREMA CANGAÇO

KattleYa EDITORA

AS FAÇANHAS DO CANGACEIRO ANTÔNIO SILVINO, "O RIFLE DE OURO".

II – A MORTE DE MARCOS DOS PINHÕES, O DESASTRE DE LAGOA DE PEDRA E A INVASÃO DO ENGENHO FIGUEIRAS.

DIREÇÃO EDITORIAL: Luciele Vieira da Silva
DIAGRAMAÇÃO: Fernanda da Silva Lopes
REVISÃO ORTOGRÁFICA: Autor
DESIGNER DE CAPA: Editora Kattleya

O conteúdo da obra é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu autor, incluindo o padrão textual, o sistema de citação e referências bibliográficas.

Todos os livros publicados pela Editora Kattleya estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Aldebaran | Tv. José Alfredo Marques, Loja 05 Antares, Maceió - AL, 57048-230
www.editorakattleya.com
editorakattleya@gmail.com

Catalogação na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

W245f

Wanderley, Julierme do Nascimento

As façanhas do cangaceiro Antônio Silvino, "O Rifle de Ouro": II – a morte de Marcos dos Pinhões, o desastre de Lagoa de Pedra e a invasão do Engenho Figueiras / Julierme do Nascimento Wanderley; Apresentação de Vandilo de Farias Brito Sobrinho. – Maceió-AL: Kattleya, 2026.

165 p., fotos.; 14 X 21 cm

ISBN 978-65-83366-41-2

1. Cangaço - História. 2. Silvino, Antônio, 1875-1944. 3. Cangaceiros - Brasil. I. Wanderley, Julierme do Nascimento. II. Brito Sobrinho, Vandilo de Farias (Apresentação). III. Título.

CDD 981.05

Índice para catálogo sistemático

I. Cangaço - História

JULIERME DO NASCIMENTO WANDERLEY

AS FAÇANHAS DO CANGACEIRO ANTÔNIO SILVINO, "O RIFLE DE OURO".

II – A MORTE DE MARCOS DOS PINHÕES, O DESASTRE DE LAGOA DE PEDRA E A INVASÃO DO ENGENHO FIGUEIRAS.

Maceió-AL
2026
KattleYa EDITORA

Direção Editorial

Luciele Vieira da Silva

Comitê Científico Editorial

Dr. Edson Hely Silva
Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (Brasil)

Dra. Adlene Silva Arantes
Livre Docente pela Universidade de Pernambuco - UPE (Brasil)

Dr. Augusto César Acioly Paz Silva
Universidade Federal de Pernambuco | UFPE (Brasil)

Dr. João Paulino da Silva Neto
Universidade Federal de Roraima | UFRR (Brasil)

Dra. Ana Maria de Barros
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Ana Maria Tavares Duarte
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dr. Rodrigo Octavio D'Azevedo Carreiro
Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife da UFPE, Brasil

Dra. Tânia Maria Goretti Donato Bazante
Universidade Federal de Pernambuco, Campus do Agreste da UFPE | (Brasil)

Dra. Kalline Flávia Silva de Lira
Universidade Federal do Vale do São Francisco UNIVASF | (Brasil)

Prof. Me. Laudemiro Ramos Torres Neto
Universidade Católica de Pernambuco | UNICAP (Brasil)

Prof. Me. Denivan Costa de Lima
Universidade Federal de Alagoas | UFAL (Brasil)

Dr. José Luís Romero Hernández
Universidade Nacional Autônomo do México | UNAM (México)

Me. Ruth Nitzia Botello Ortiz
Instituto Politécnico Nacional | IPN (México)

DEDICATÓRIA

Dedico esta segunda obra às pessoas mais importantes da minha vida: a Deus, Todo- Poderoso e Pai Eterno, a Jesus Cristo, a São Miguel Arcanjo, à minha mãe, à minha esposa e aos meus filhos.

Muito Obrigado!

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO..... 8

PREFÁCIO
UMA CAMINHADA À PROCURA DAS HISTÓRIAS DO PASSADO..... 11

CAPÍTULO I
A PERSEGUIÇÃO CONTRA ANTÔNIO SILVINO**..... 77**

CAPÍTULO II
A MORTE DE MARCOS DOS PINHÕES UM DIA DE JUÍZO**..... 84**

CAPÍTULO III
LAGOA DE PEDRAS**..... 111**

Considerações Finais..... 162

Bibliografia..... 164

APRESENTAÇÃO

A historiografia dedicada ao fenômeno do cangaço e às dinâmicas sociais do sertão nordestino ganha uma contribuição de inconteste valor com a publicação deste segundo volume das *Façanhas do Cangaceiro Antônio Silvino, "O Rifle de Ouro"*, de autoria do professor e pesquisador Julierme do Nascimento Wanderley. Se na obra anterior tivemos a oportunidade de assinar a orelha e introduzir o leitor às premissas desse mergulho documental, cabe-nos agora, a convite do autor e sob os auspícios do Conselho Cristino Pimentel do Borborema Cangaço, apresentar este desdobramento denso e revelador.

Longe de se render à simples romantização ou à mera repetição de mitos populares, o autor adota uma metodologia rigorosa que entrelaça a pesquisa documental — calcada em matérias de jornais da época, certidões e autos de exames cadavéricos — com o valioso recurso da história oral e o trabalho de campo. O resultado é um painel vívido e desmistificador do Nordeste das primeiras décadas do século XX.

Neste volume, o professor Julierme Wanderley nos conduz por três episódios marcantes que revelam as

entranhas de um Brasil dominado pelo coronelismo e pelo clientelismo da República Velha. A obra contextualiza com precisão como as oligarquias rurais e a fraqueza estatal criaram o terreno fértil para a violência sistêmica. É nesse cenário conturbado que transitam figuras políticas de destaque, como o senador Coelho Lisboa — voz altiva no combate aos desmandos oligárquicos — e o presidente Epitácio Pessoa, inseridos em uma teia em que o poder pessoal frequentemente se sobrepunha às ordens jurídicas formais.

No âmbito dos acontecimentos fáticos, o livro resgata com riqueza de detalhes a tragédia de Marcos dos Pinhões, no Sítio Pinhões (atual município de Gado Bravo-PB), episódio que expõe a crueldade e o caráter intimidatório das ações de Antônio Silvino, o Rifle de Ouro. O relato da busca empreendida pelo autor para localizar a chamada "Cruz do Fazendeiro", acompanhado por descendentes da vítima, confere à narrativa um tom humano e emocionante, aproximando o documento histórico da memória viva da comunidade.

A obra avança para o dramático combate de Lagoa de Pedras, no qual a volante comandada pelo destemido alferes Antônio Maurício Pereira de Mello tomba em uma

emboscada fatal articulada pelo "Rifle de Ouro". Por fim, o autor detalha a invasão ao Engenho Figueiras, em Orobó-PE, de propriedade do Major João Florentino da Cunha Azevedo. O episódio, motivado por complexas rivalidades locais e disputas entre coiteiros e adversários, culminou em saques, agressões e um prejuízo astronômico, desenhando com tintas fortes a relação simbiótica e destrutiva entre o cangaço e o coronelismo.

Com uma escrita fluida, rica em iconografia e pautada pelo compromisso com a verdade histórica, Julierme do Nascimento Wanderley entrega ao público uma obra indispensável para historiadores, pesquisadores e amantes da história do Nordeste. Trata-se de uma leitura fundamental para compreender as raízes da violência, da política e da resistência nos sertões brasileiros.

Vandilo de Farias Brito Sobrinho

Advogado e pesquisador – Conselheiro Perpétuo do Conselho
Cristino Pimentel do Borborema Cangaço

PREFÁCIO

UMA CAMINHADA À PROCURA DAS HISTÓRIAS DO PASSADO

Desde o momento em que pus os pés pelos caminhos das histórias cangaceiras de Manoel Baptista de Moraes, o famoso Antônio Silvino, o "Rifle de Ouro", minha vida mudou radicalmente, sobretudo no que diz respeito aos meus objetivos pessoais e intelectuais. De lá para cá, percorri inúmeros lugares do estado da Paraíba e também de outros estados nordestinos, vivenciando momentos agradáveis e desagradáveis, alegres e tristes, enquanto descobria um universo que até então eu não imaginava ser tão vasto, complexo e repleto de histórias.

Aos poucos, Antônio Silvino tornou-se minha principal motivação para me dedicar às pesquisas sobre o cangaço. Com uma longa trajetória no universo do banditismo rural do Nordeste brasileiro, ele deixou marcas profundas na memória sertaneja, marcas que permanecem vivas até os dias atuais por meio da tradição oral e de uma vasta documentação de época.

Não por acaso, ao longo do tempo recebeu alcunhas como "Rei dos Cangaceiros" e "Governador do Sertão".

Seu nome foi aclamado, temido e decantado nas feiras livres das cidades, nos vilarejos, nos pequenos povoados, nas varandas das casas de fazenda e nos terreiros dos sítios daquele sertão bravio, tão magistralmente descrito por Euclides da Cunha, em sua monumental obra *Os Sertões*.

Foi ainda na minha tenra infância que tive contato com essa fantástica obra da literatura brasileira. Ela abriu minha alma para a compreensão de um mundo diferente, formado por vários sertões e marcado por uma realidade histórico-geográfica profundamente adversa.

Naquele espaço castigado pelas grandes e catastróficas secas, os poucos recursos de uma população humilde eram continuamente dilacerados. Ainda assim, aquela gente insistia em permanecer viva e resistir. Contudo, havia uma tragédia talvez ainda mais cruel do que a própria seca: o coronelismo, sistema que, durante décadas, exerceu enorme poder sobre a vida política, social e econômica das populações sertanejas, transformando muitas vezes a existência dos mais humildes em um verdadeiro pesadelo.

Esse cenário de desigualdade, violência, disputas políticas e ausência efetiva do poder público contribuiu para

a proliferação de grupos armados em extensas áreas do Nordeste brasileiro. Foi justamente a necessidade de compreender esse contexto que me levou a seguir esses caminhos, buscando entender melhor o fenômeno histórico chamado cangaço e, especialmente, conhecer profundamente a trajetória de Antônio Silvino.

Sua figura já povoava minha mente desde muito cedo. Lembro-me das histórias que ouvia de meu pai, Anísio Odilon Wanderley, e de meu avô, Geraldo Claudino do Nascimento. Posteriormente, esse interesse foi fortalecido pela leitura do primeiro livro sobre o cangaço que chegou às minhas mãos, *O Padre e o Cangaceiro*, de autoria do pesquisador e escritor Dr. Bismarck Martins de Oliveira. A partir de então, iniciei uma longa caminhada de pesquisa.

Visitei numerosas cidades do estado da Paraíba, distribuídas pelas diferentes regiões geográficas do território paraibano. Segui também para o Rio Grande do Norte, onde percorri municípios por onde Antônio Silvino e seu grupo de cangaceiros estiveram. Em Pernambuco, visitei localidades atacadas pelo célebre cangaceiro e tive a oportunidade de entrevistar descendentes de pessoas que viveram, direta ou indiretamente, os acontecimentos

daquele período.

Foi durante essas viagens, pesquisas de campo, consultas documentais e entrevistas que percebi algo que passou a marcar profundamente minha compreensão sobre o personagem: os caminhos percorridos por Antônio Silvino foram, muitas vezes, caminhos ladeados por cruzes, sangue, lágrimas e sofrimento.

Somente aqueles que viveram aquele período poderiam, em sua plenitude, pormenorizar a dramaticidade de muitos daqueles acontecimentos. Entretanto, por meio dos documentos de época, da história oral, da memória familiar e das pesquisas de campo, é possível reconstruir parte significativa daquele universo.

Foi esse empenho que me levou a produzir minha primeira obra de caráter histórico sobre o tema, intitulada *As Façanhas do Cangaceiro Antônio Silvino – "O Rifle de Ouro" – Volume I: A Hecatombe da Usina Santa Filonila*. Agora, dando continuidade a essa caminhada, apresento o segundo livro da série: *As Façanhas do Cangaceiro Antônio Silvino – "O Rifle de Ouro" – Volume II: A Morte de Marcos dos Pinhões, o Desastre de Lagoa de Pedra e a Invasão do Engenho Figueiras.*

Nesta nova obra, continuo seguindo as pegadas deixadas por Antônio Silvino através dos sertões, buscando nos documentos, nas memórias, nos lugares e nos testemunhos os fragmentos de uma história que atravessou gerações.

Espero que este segundo volume possa contribuir para ampliar o conhecimento, esclarecer acontecimentos e preservar a memória de um dos períodos mais complexos, dramáticos e fascinantes da história social do Nordeste brasileiro.

Julierme do Nascimento Wanderley
Professor, pesquisador e escritor sobre o tema Cangaço Presidente do Conselho Cristino Pimentel do Borborema Cangaço Curador do Memorial do Cangaço da Paraíba, em Cabaceiras

AS OLIGARQUIAS

Imagem 01 – Barão de Lucena



Fonte: Site da Câmara dos Deputados.

Devemos lembrar que no final do século XIX e início do século XX, a população do Brasil encontrava-se concentrada na zona rural e era natural que a política, de norte a sul do Brasil, fosse controlada pelos grandes proprietários de terra, que também controlavam os meios de produção. As oligarquias da República eram formadas, em sua grande maioria, por homens que militaram, em muitos casos, pelas curvas sinuosas do poder da monarquia, a qual deixará de existir através da cutilada de sabre desferida por nossos militares, adaptando-se muito bem ao novo *status* de governança que se apresentava, mostrando a todos as

grandes oportunidades descortinadas pelos novos tempos da República.

Como exemplo dessa adaptabilidade aos novos tempos da República podemos citar o senhor Barão de Lucena, homem de grande envergadura política dentro do cenário político do Império que findava, sabendo aproveitar-se do poder e distribuir os seus na malha confortável do serviço público que se organizava e, como poderemos ver, na íntegra, em um artigo publicado no Jornal do Recife, de 07 de abril de 1891, abaixo transcrito:

OLIGARCHIA E ACCUMULAÇÕES

Julgamos um dever inilludível de todo cidadão diser a verdade inteira a seu paiz e orientar as opiniões, apontadas aos conterrâneos, por meio da imprensa, a estrada larga que leva-lhes ao prestígio e às viellas tortuosas que conduzem-lhes ao despreso.

Erguer à altura de todas as vistas e victima e o algoz, o heroe e o covarde, o trahidor e o trahido é a religião que professamos.

Nós, pernambucanos, sabemos o afan e a habilidade com que os políticos actualmente dominantes insinuavam no animo público as suas aleivosias com relação à família Souza Leão.

Assim é que, disiam elles: matemos esse grande povo que pretende introduzir seus tentáculos innumeráveis em todas as fontes vitaes de nossos interesses e direitos; que tenta monopolizar os empregos rendosos

e as posições prestigiosas; que esforça-se, emfim, por dynastisar a parentela.

E julgavam taes Srs. ser essa a maneira mais efficaz de fazer incorrer aquella respeitável família na animadversão pública.

Não tomaremos a tarefa do contra por uma única palavra áquelle outro hábil estratagema político-patriótico, lembramol-o apenas para provocar o confronto.

O ex-barão de Lucena que emergindo um novo homem das águas da republica, alliára-se a um sol-disant democrata para fazer o congrassamento da família pernambucana, tem demonstrado com os factos como é possível vestir-se uma idéa hedionda com uma linguagem attrahente: momentos estes de inspiração que raro lhe acontecem.

Mas infelizmente não se deu com S. Exc. o mesmo que com a Phoenix que renascia das próprias ruínas; apezar de sua pretensa imersão nas águas lustraes da república, o ex-barão acimou-se à flor das ondas o mesmo homem; na frente, as mesmas causas da mocidade extinta; nas acções os mesmos ódios da monarchia morta.

S. Exc. Que sempre votou o mesmo acirrado odio aos Leões por atribuir-lhes espirito oligarchico, veio a Pernambuco, ultimamente, para fundar e solidificar sobre as bases do compadresco afortunado, a mais abominável oligarquia.

É caso de influência luceniana, quantos prestigiosamente o cercam, imitam-lhe o exemplo!

Veja e medite a parte séria e honesta da população de Pernambuco (única a quem nos dirigimos e para quem escrevemos), as verdades que, sem commentarios vão seguir-se.

Deixando à margem todos os parentes que esses ditosos republicanos conseguiram nomear no tempo da monarchia, vamos tratar somente daquelles que foram nomeados durante a actual situação Lucena.

A lista que se segue, apezar de não estar completa deixa ver o desinteresse patriótico de taes republicanos.

FAMILIA LUCENA

Henrique P. de Lucena — membro do supremo Tribunal Federal e ministro.

Dr. José M. Carneiro de Albuquerque Lucena — Senador e 2º Vice-governador do Estado.

Roberto Barbosa da Silva (Primo) e Procurador— Senador do Estado, administrador do correio, Commandante superior da Guarda Nacional e Intendente em Bom Jardim.

Dr. Sisenando Carneiro da Cunha, (primo)— Deputado ao Congresso do Estado.

Dr. Epitácio Pessôa (sobrinho)—Lento da Faculdade e Deputado ao Congresso.

Manoel Netto Carneiro Campello (Primo)—ex 3º escripturario e Lente da Faculdade.

Augusto Xavier Carneiro da Cunha, (Parente) ex-escrivão de Jaboatão, é hoje administrador das obras da academia, avaliador da fazenda e ultimamente escrivão federal (sendo para sua nomeação demitido o escrivão Rego Barros que servia n'este lugar vitalício há 30 annos.).

Dr. Albuquerque Maranhão (Primo)—Ex-administrador da alfandega da Capatasia e actual conferente da alfandega.

Nazareno Campelo (Primo)Promotor de Águas-Bellas.

Manoel Xavier Carneiro Pessôa (Primo)—ex-promotor da Victoria.

Estevão de Lacerda (Primo)Juiz de Direito em Gravatá.

Sebastião C. de Barros Campelo (Primo)—Tenente Commissario de Muribeca.

— Seguem-se agora os parentes (ainda!) do Sr. Lucena que foram nomeados para a Guarda Nacional (cargos que si não são rendosos dão prestigio e concorrem para a formação da oligarchia).

Joaquim X. Carneiro da Cunha Junior (Primo)— Commandante superior da Guarda Nacional de Jaboatão.

Manoel X. Carneiro da Cunha Junior (Primo)— Tenente Coronel do 1º Batalhão de Infantaria de Jaboatão.

João Manoel Carneiro da Cunha (Parente)— Tenente Coronel de Infantaria do Cabo— (Esses três últimos são irmãos, sendo o primeiro Presidente da Intendência de Jaboatão e concessionário de um engenho central no mesmo município).

Manoel X. Carneiro de Albuquerque (Primo)— Tenente Coronel do 110º de infantaria de Jaboatão.

Manoel Carneiro Leão (Primo)— Tenente Coronel 11º da Infantaria de Jaboatão; Delegado de polícia e intendente de Muribeca.

Francisco Carneiro de Albuquerque (Primo)— Tenente Coronel de um corpo de cavallaria creado especialmente em Jaboatão.

Henrique Pereira de Lucena (Sobrinho)—Capitão quartel mestre de um corpo de infantaria em Bom Jardim.

Francisco Lucena Barbosa da Silva (Primo)—Major do 2º esquadrão de cavallaria em Bom Jardim.

Luiz Augusto Carneiro d'Albuquerque (Primo)—Intendente de Jaboatão.

FAMILIA UCHÔA CAVALCANTI

Dr. João Barbalho — inspector aposentado da Instrução publica neste Estado; deputado geral e ministro.

Álvaro Barbalho (Irmão)—juiz de direito em Agosto de 1890 para Alagôa de Baixo, tem melhorado por ser sucessivamente removido para Canhotinho, Bom Jardim, Páo d'Alho, Limoeiro e finalmente Victoria.

Manoel Barbalho (Irmão)—Capataz da alfandega.

Luiz Barbalho (Irmão)—Juiz de direito.

Teixeira de Sá (cunhado)—Dezembargador da Relação do Recife.

José Cavalcanti d'Albuquerque Uchôa (Parente)—Juiz de direito avulso, nomeado para Jaboatão e ultimamente Auditor de guerra da Capital Federal.

Antonio M. Regueira Costa (cunhado)—Amanuense da Estatística do Estado e, ultimamente, Secretário das obras públicas.

D. Anna Regueira Costa (cunhada)—Professora publica dos Afflictos (sem título da Escola Normal).

FAMILIA CORREIA DA SILVA

José Antonio Correia da Silva — Desembargador aposentado e governador de Pernambuco.

Dr. Eduardo Correia da Silva (filho do governador)—Juiz de Direito em Junho para Alagôas e depois para Ipojuca, Limoeiro, Pau d'Alho e S. Lourenço da Matta.

> Dr. Cesário Brasileiro(genro)—Lente de História do Brasil no Gymnasio: Lente de História do Brasil no collegio das artes e Official de Gabinete do governador.
>
> — Pae do genro, um Sr. Brasileiro — Commissario em Garanhuns.
>
> — Um irmão — Empregado na Recebedoria.
>
> Capitão Paes Barreto (sogro do filho do governador e cunhado deste) Capitão reformado do exército e Almoxarife do arsenal de guerra, preterindo n'esse último emprego o Sr. Honório Silva republicano-histórico que foi demittido.
>
> Um sobrinho, empregado na Secção de Estatística
>
> .....
>
> Ahi fica o facto descarnado; conteste quem puder Taylor.

As questões relacionadas ao domínio político das oligarquias tornam-se nítidas quando observamos o engajamento de seus representantes em praticamente todas as engrenagens da administração pública. Essas estruturas políticas voltavam-se, sem dúvida, para a manutenção do status quo dessas elites, que se comportavam como verdadeiras donas do Brasil. Nesse contexto, havia pouco ou nenhum espaço para discursos ou posicionamentos que contrariassem o sistema vigente, tampouco para a consolidação de uma democracia efetivamente ampla, capaz de beneficiar todas as camadas sociais do país.

CONTINUA...